



RELICI

## COMO FALAR SOBRE CINEMA: UM GUIA PARA APRECIAR A SÉTIMA ARTE<sup>1</sup>

### *TALKING PICTURES: HOW TO WATCH MOVIES*

*Rodolfo Alves de Macedo<sup>2</sup>*

O presente trabalho se trata de uma resenha de *Como falar sobre cinema: um guia para apreciar a sétima arte* (2021), livro de Ann Hornaday, crítica de cinema do jornal estadunidense *The Washington Post*. A obra foi publicada originalmente em inglês em 2017 sob o título de *Talking pictures: how to watch movies*, e, no Brasil, ganhou tradução para o português em 2021 por Carolina Simmer, publicada pela Editora BestSeller. Com 320 páginas, a obra possui uma introdução, sete capítulos, epílogo, anexo e bibliografia com leituras sugeridas, com o intuito de aprofundar a discussão inicial proporcionada com a leitura da obra em questão.

No mundo contemporâneo, dada a conjuntura em que vivemos, o cinema faz parte do cotidiano, sobretudo com o crescimento dos serviços de *streaming*. Seja em uma conversa com os amigos após uma sessão de cinema ou até mesmo em uma mesa de bar, é comum vermos diferentes pessoas terem opiniões divergentes acerca do mesmo filme, sem a necessidade de grande profundidade reflexiva. Esse tipo de análise banal diverge das análises dos críticos de cinema, definida por Viana (2009, p. 20) como *assistência formalista*: “aquela que se centra nos aspectos técnicos e formais de um filme”.

Dito isso, são com esses aspectos técnicos e formais que Ann Hornaday vai nos ajudar a pensar e refletir sobre cinema não somente como entusiastas ou

---

<sup>1</sup> Recebido em 12/04/2023. Aprovado em 16/04/2023. doi.org/10.5281/zenodo.8370160

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. rodolfo.macedo95@gmail.com



RELICI

curiosos, mas a partir de seu ponto de vista de crítica. Através de sete capítulos, Hornaday nos conduz por aspectos da produção de um filme.

Na introdução, Hornaday refaz sua trajetória até se tornar crítica de cinema por pura sorte (em suas palavras), através da carreira de escritora. Aqui, cita uma experiência marcante: escrever sua primeira crítica oficial de um filme de Gus Van Sant, o qual diz ter adorado, mas sem saber o porquê. Acreditamos que esse sentimento é muito comum dentre todos: o de desenvolver certas afeições que não são possíveis justificar de imediato. Como explicar aos leitores seus sentimentos ao assistir determinado filme? Para isso, Hornaday cita um conselho que recebeu de um crítico, o de fazer três perguntas a si mesmo: o que o artista queria alcançar? Ele foi bem-sucedido? Valeu a pena? Essas foram as perguntas norteadoras na escrita de suas críticas que iam além de posições subjetivas. Considerando cada filme com um DNA diferente, Hornaday (2021, p. 13) afirma que

O trabalho do crítico é reconhecer essas conexões e esses rompimentos [de convenções visuais, sonoras e performáticas], não para tratar o leitor com pedantismo ou superioridade, mas para abrir possibilidades de interpretação e enriquecer a experiência cinematográfica, ou pelo menos oferecer uma leitura instigante.

Como lição de introdução, Hornaday (2021, pp. 15-16) nos ensina que “o primeiro dever do espectador crítico é mental. Você deve limpar sua mente de quaisquer barreiras, preconceitos ou distrações prolongadas que possam atrapalhar seu mergulho total no trabalho oferecido”. Terminando a introdução, temos que a obra está estruturada de maneira similar à produção de um filme.

Assim, o capítulo 1 trata do roteiro, que “serve como o documento de base de cada filme, determinando não apenas o enredo e o diálogo, mas a estrutura, as regras internas, o interior, as motivações e a credibilidade dos personagens, além de valores intangíveis como tom e tema” (HORNADAY, 2021, p. 19), dando um norte para todas as partes envolvidas, permitindo que os atores adentrem no personagem. O roteiro é



RELICI

responsável, portanto, por responder aquela primeira pergunta. Neste capítulo, Hornaday (2021, p. 22) nos oferece dicas simples, mas bastante úteis, como: “Dentro dos primeiros dez minutos, um filme bem-escrito ensina ao público como assisti-lo” e “Nos próximos dez a vinte minutos, depois que o público for conquistado, o contexto e o clima geral da história devem ser bem-estabelecidos, os personagens principais apresentados, e o relacionamento entre eles determinado com nitidez” (2021, p. 23). Aqui, não hesita em fazer críticas a filmes que seguem uma fórmula pronta para a elaboração dos roteiros. Continuando, trata também da construção das personagens, suas motivações e transformações ao longo da história, bem como diálogos convincentes. Finalizando o capítulo, Hornaday faz uma reflexão sobre o significado de tudo. O que o filme queria transmitir? Havia alguma mensagem por trás? Para responder, usa alguns filmes para exemplificar como, na superfície, parecem banais, mas em nível mais profundo, tratam de temas com questões importantes. Aqui, a autora abre margem para um tipo de *assistência crítica*, nos termos de Viana (2009, p. 24).

No capítulo 2, Hornaday trata da atuação, elemento fundamental da linguagem cinematográfica. A autora postula que “O trabalho dos atores é comunicar o diálogo escrito no roteiro e incorporar seus personagens de forma tão convincente que os espectadores consigam mergulhar completamente nos acontecimentos na tela” (HORNADAY, 2021, p. 60). Assim, algumas atuações podem ser tão convincentes e memoráveis a ponto de enxergarmos pessoas reais. Um aspecto importante a se considerar na atuação é o olhar. Como diz o ditado popular, os olhos são as janelas da alma. Como não lembrar do olhar frio e penetrante de Anthony Hopkins na pele de Hannibal Lecter em *O Silêncio dos Inocentes* (1991)? Através dos olhos, mas não somente, o ser humano demonstra sua expressividade. Com eles demonstramos alegria, raiva, tristeza, medo.



RELICI

Não ser pego atuando ou fingindo um personagem é importante para a verossimilhança. No gênero comédia, isso se faz fundamental, pois, ao forçar uma tentativa de arrancar risadas através de excesso de humor grosseiro e de gosto duvidoso, a sutileza da performance dos atores fica dificultada, não transmitindo verdade. Ainda, também se faz importante uma atuação dos pés à cabeça, isto é, incorporar o personagem em seu modo de andar, agir, pensar, sentir e viver. Com tranquilidade, podemos citar, a título de exemplo, a caracterização performática (não caricatural) de Rami Malek como Freddie Mercury no drama biográfico *Bohemian Rhapsody* (2018), que lhe garantiu o Oscar de Melhor Ator em 2019.

No capítulo 3, Hornaday discorre sobre o Design de Produção (anteriormente chamado de Direção de Arte), que “se refere ao visual geral de um filme, o senso de vivacidade, textura e detalhamento que cria na tela um mundo que parece real e habitado [...]” (HORNADAY, 2021, p. 95). Logo, o design de produção é responsável pela construção dos elementos visuais e por criar a ambientação estética imaginada para a obra, perpassando pelo cenário, locações (como um ambiente externo ou estúdio), objetos de cena, cores, roupas, cabelo, maquiagem, fantasias e até efeitos especiais. Ou seja, o diretor de arte, ou designer de produção, é responsável por tudo aquilo que vemos na tela, cada objeto, cada cenário. Tudo foi pensado e elaborado para fazer jus à obra, não somente a ambientação física, mas também informações psicológicas e emocionais, inclusive através da paleta de cores. Como exemplo pessoal, cabe a menção à adaptação visualmente deslumbrante e modernizada a partir de uma reinterpretação globalizada (BRAGA, 2013) de Baz Luhrmann para o clássico *O grande Gatsby*, vencedora de duas estatuetas do Oscar por Melhor Direção de Arte e Melhor Figurino, em 2014.

Seguindo, o capítulo 4 trata da fotografia. Um filme é formado por uma coleção de imagens captadas, e a essa arte dá-se o nome de fotografia, “determinando sua



RELICI

iluminação, visual e clima – e, por extensão, aquilo que o público vê e sente. A forma como um filme é filmado engloba escolhas tão variadas quanto películas, lentes, luzes e filtros utilizados” (HORNADAY, 2021, p. 131). A autora afirma ainda que “Iluminação, cor, composição, temperatura e textura da imagem são todos aspectos englobados pela fotografia” (HORNADAY, 2021, p. 132). Dessa forma, neste capítulo, a autora perpassa por questões relativas à luz, posicionamento de câmeras, cores e tons.

No capítulo 5, Edição, a autora afirma que “A edição é um trabalho meticuloso, definindo tanto a linearidade da narrativa quanto o âmago dos sentimentos que devem ancorar todos os filmes, permitindo que os espectadores mergulhem naquele mundo imaginário com naturalidade, quase por instinto” (HORNADAY, 2021, pp. 171-172). Desta forma, a edição é responsável por integrar e conectar cenas individuais de forma a criar o ritmo e uma linearidade, e os espectadores possam assistir à obra cinematográfica do começo ao fim. Citamos como exemplo o filme *1917* (2019), de Sam Mendes, cuja edição imita um plano-sequência, isto é, uma tomada única e contínua, sem cortes.

Em “Som e música”, a autora inicia o capítulo 6 afirmando que até então tratou do cinema como um meio visual. Mas o cinema também possui uma dimensão sonora capaz de criar uma ambientação histórica e geográfica mais realista (por vezes, surrealista), impactando no estado emocional e psicológico dos personagens e dos espectadores. Assim, uma questão relativa à trilha sonora (entendida aqui não somente como as músicas utilizadas no filme, mas todo o som gravado) é a captação com clareza dos diálogos dos personagens, uma vez que a narrativa da história se desenvolve através deles.

Ainda, diz a autora que “a música afeta os espectadores de forma tão profunda e cria uma experiência emocional tão potente que sua importância não pode ser menosprezada” (HORNADAY, 2021, p. 225). Nesse sentido, destacamos o breve



RELICI

discurso de apresentação feito pelo ator Lin-Manuel Miranda, quando de sua participação no Oscar 2020, sobre o impacto da música no cinema, algumas tão atreladas a um filme a ponto de formarem nossas memórias coletivas; em seguida, são apresentados exemplos em que filmes e respectivas trilhas sonoras são indissociáveis: não se pode pensar no filme sem pensar na música, e vice-versa<sup>3</sup>. Como não lembrar do filme *Flashdance* (1983) ao escutar a música *Maniac*, de Michael Sembello?

Dirigindo-se para o fim, o capítulo 7 trata da Direção. Se pensarmos nos aspectos fílmicos citados anteriormente, o diretor não os realizou por si. Logo, qual seu papel? Hornaday nos mostra que o diretor é a pessoa que, em geral, permanece por mais tempo em contato com o filme, pois deve estar sempre com todas as partes envolvidas para melhor direcioná-las em busca de um resultado satisfatório. Para isso, realiza uma série de tomadas de decisões, certas ou erradas, que podem fazer um filme ser memorável ou apenas mais um. Assim, a direção tem como função guiar e inspirar a equipe inteira a criar algo que não seria feito por conta própria.

No epílogo, a autora faz o seguinte questionamento: valeu a pena? Neste ponto, enquanto leitores, somos engajados a refletir sobre o que acabamos de assistir na tela. Sabemos que o cinema, enquanto forma da indústria cultural, transmite valores que influenciam a maneira como vemos o mundo. É indiscutível a influência que os filmes podem ter nas pessoas; o que se discute é sobre o grau de influência. Assim, ao acender a luz da sala de cinema, e “Ao avaliar um filme específico, podemos perguntar: que valores ele enfatizou ou amenizou?” (HORNADAY, 2021, p. 273). Neste processo de reflexão, aproximamo-nos de uma forma de *assistência crítica*, compreendo o filme para além de seu universo ficcional e questionando os valores e sentimentos compartilhados na tela.

---

<sup>3</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vBDvSvRhk\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=vBDvSvRhk_c). Acesso em 12 abr. 2023.



RELICI

No anexo, “Documentários e dramas baseados em histórias reais”, a autora discorre sobre o crescente interesse das pessoas pela “verdade”, e conseqüentemente o aumento de filmes e séries documentais e/ou baseados em histórias reais. Seguindo os mesmos padrões de excelência, como histórias cativantes, o documentário depende, em grande parte, da veracidade transmitida e da fidelidade aos eventos. Porém, cabe ressaltar que, mesmo em documentários, a história contada ali foi editada a fim de torná-la mais cativante aos espectadores. Assim, tendo isso em mente, os “fatos” ali representados são como histórias, que podem ser modificadas a depender de quem as conta.

Para concluir, ao perpassar por todos os aspectos da produção cinematográfica – desde a elaboração do roteiro até a direção –, Ann Hornaday nos oferece um arcabouço teórico de como pensar e falar sobre cinema, quais aspectos devem ser observados e como avaliá-los. Partindo do pressuposto de que cada filme possui uma identidade própria e com objetivos diferentes – uma comédia romântica despretensiosa não deve ser avaliada nos mesmos parâmetros de um drama de guerra, por exemplo –, em cada capítulo procurou nos oferecer respostas a perguntas que nos guiam durante a experiência de assistir a um filme. Dessa forma, a obra em questão é recomendada para aqueles entusiastas e curiosos do cinema, que encontram aqui uma ferramenta para aguçar seu olhar e ampliar suas possibilidades de interpretação.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Cláudio Roberto Vieira. A reinterpretação globalizada de Baz Luhrmann para *O grande Gatsby*, clássico de F. Scott Fitzgerald, de 1925. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 27-48, jan./jun. 2013.



RELICI

151

HORNADAY, Ann. **Como falar sobre cinema**: um guia para apreciar a sétima arte. Tradução de Carolina Simmer. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2021.

VIANA, Nildo. **Como assistir um filme?**. Rio de Janeiro: Corifeu, 2009.